

A SEMANA – 136

John Gledson

Como de costume, nesta primeira crônica do ano, há uma boa dose de ironia e de pessimismo implícita nos vaticínios para o novo século, que, claro, trará a perfeição total. Sísifo, rolando sua pedra para o topo da montanha, vendo-a rolar para baixo e tendo que começar tudo de novo, talvez exprima melhor a verdadeira visão do cronista, por mais surrada que seja a imagem. De novo, o processo da vacina serve para “explicar” esta perfeição futura; por outro lado, ao tratar das inundações de Petrópolis, não hesita em ensaiar o cinismo assumido da alusão a Lucrecio. No final, porém, vem uma nota mais otimista, ao anunciar o primeiro número da *Revista Brasileira*, na sua terceira encarnação – outro indício de que Machado voltava-se para a cultura para promover a unidade e a continuidade da nação. Talvez seja significativo que decida citar os nomes de amigos e inimigos, e dois nomes estrangeiros, naturalizados brasileiros, e não mencionar o ensaio sobre ele mesmo.



A SEMANA

6 de janeiro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Se a pedra de Sísifo não andasse já tão gasta, era boa ocasião de dar com ela na cabeça dos leitores, a propósito do ano que começa. Mas tanto tem rolado esta pedra, que não vale um dos paralelepípedos das nossas ruas. Melhor é dizer simplesmente que aí chegou um ano, que veio render o outro, montando guarda às nossas esperanças, à espera que venha rendê-lo outro ano, o de 1896, depois o de 1897, em seguida o de 1898, logo o de 1899, enfim o de 1900...

Que inveja que tenho ao cronista que houver de saudar desta mesma coluna o sol do século XX! Que belas coisas que ele há de dizer, erguendo-se na ponta dos pés, para crescer com o assunto, todo auroras e folhas verdes! Naturalmente maldirá o século XIX, com as suas guerras e rebeliões, pampeiros e terremotos, naufrágios e pestes, violências e desastres,¹ anarquia e despotismo, coisas que não trará consigo o século XX, um século que se respeitará, que amará os homens, dando-lhes a paz, antes de tudo, e a ciência, que é ofício de pacíficos.

A doutrina microbiana, vencedora na patologia, será aplicada à política, e os povos curar-se-ão das revoluções e maus governos, dando-se-lhes um mau governo atenuado e logo depois uma injeção revolucionária. Terão assim uma pequena febre, suarão um tudo-nada de sangue e no fim de três dias estarão curados para sempre. Chamfort, no século XVIII, deu-nos a célebre definição da sociedade, que se compõe de duas classes, dizia ele, uma que tem mais apetite que jantares, outra que tem mais jantares que apetite.²

Pois o século XX trará a equivalência dos jantares e dos apetites, em tal perfeição que a sociedade, para fugir à monotonia e dar mais sabor à comida, adotará um sistema de jejuns voluntários. Depois da fome, o amor. O amor deixará de ser esta

¹ Estas seis palavras (de “naufrágios” até “desastres”) faltam no texto de Aurélio.

² “La société est composée de deux grandes classes: ceux qui ont plus de dîners que d’appétit, et ceux qui ont plus d’appétit que de dîners”, de *Maximes et pensées* de Chamfort (nome adotado de Sébastien-Roch Nicolas, 1741-1794). Na biblioteca de Machado há um volume de máximas dele.

coisa corrupta e supersticiosa: reduzido a função pública e obrigatória, ficará com todas as vantagens, sem nenhum dos ônus. O Estado alimentará as mulheres e educará os filhos, oriundos daquela sineta dos jesuítas do Paraguai, que o senador Zacarias fez soar um dia no senado, com grave escândalo dos anciãos colegas.³ Grave é um modo de dizer, e escândalo é outro. Não houve nada, a não ser o efeito explosivo da citação, caindo da boca de homem não menos austero que eminente.

Mas não roubemos o cronista do mês de janeiro de 1900. Ele, se lhe der na cabeça, que diga alguma palavra dos seus antecessores, boa ou má, que é também um modo de louvar ou descompor o século extinto. Venhamos ao presente.

O presente é a chuva que cai, menos que em Petrópolis, onde parece que o dilúvio arrasou tudo, ou quase tudo, se devo crer nas notícias;⁴ mas eu creio em poucas coisas, leitor amigo. Creio em ti, e ainda assim é por um dever de cortesia, não sabendo quem sejas, nem se mereces algum crédito. Suponhamos que sim. Creio em teu avô, uma vez que és seu neto, e se já é morto; creio ainda mais nele que em ti. Vivam os mortos! Os mortos não nos levam os relógios. Ao contrário, deixam os relógios, e são os vivos que os levam, se não há cuidado com eles. Morram os vivos!

Podeis concluir daí a disposição em que estou. Francamente, se esta chuva que vai refrescando o verão, fosse, não digo um dilúvio universal, mas uma calamidade semelhante à de Petrópolis, eu aplaudiria d'alma, contanto que me ficasse o gosto do poeta, e pudesse ver da minha janela o naufrágio dos outros.⁵

Hoje há aqui, na capital da União, grandes naufrágios e alguns salvamentos. Falo por metáfora, aludo às eleições.⁶ Recompõe-se a intendência, e os primeiros naufrágios estão já decretados, são os intendentes antigos. Com todo o respeito devido à lei, não entendi bem a razão que determinou a incompatibilidade dos intendentes que acabaram. Só se foi política, matéria estranha às minhas cogitações; mas indo só pelo juízo

³ Esta sineta fez fama em junho de 1867, quando Zacarias de Góis (1815-1877), então presidente do conselho, aludiu ao suposto costume dos padres jesuítas, nas suas “reducciones” no Paraguai, de agitar uma sineta para “regular as funções de reprodução”. Como se sabe, Machado, que tinha atacado Zacarias alguns anos antes, virou um grande admirador, e até parece que “amigo” do político, de quem recebera o seu primeiro emprego público em abril desse mesmo ano de 1867. Para a relação entre o escritor e o político, ver “Machado de Assis e o Conselheiro Zacarias”, em Raimundo Magalhães Júnior, *Machado de Assis desconhecido*, p. 96-109.

⁴ Estas chuvas caíram no dia de Ano-Bom: parece que foi a pior inundação desde 1862. H a um telegrama no dia 2. No dia 3, na primeira página (col. 8), h a uma longa reportagem descrevendo o aspecto desolador da cidade. Já no dia 4, a reportagem, também na primeira página, é mais distante e humorística.

⁵ Aqui h a uma alusão a uma cita o predileta de Machado, expressão clássica da “Schadenfreude”: “Suave, mari magno...”, de *De rerum natura*, de Lucrécio (1  séc. a.C.): “  doce, quando os ventos turbam as ondas do mar convulso, ver da terra firme as lutas dos outros”. D  título a um famoso poema de *Ocidentais*, (*Poesias completas*, 1901), publicado pela primeira vez em 1880.

⁶ No dia 18 de dezembro de 1894, publicou-se um decreto sobre estas elei es, em que uma série de postos públicos se declararam incompatíveis com o posto de intendente, entre os quais os membros do conselho atual. O objetivo, claro, era reduzir a corrup o.

ordinário, não alcanço a incompatibilidade dos antigos intendentes. Se eram bons, e fossem eleitos, continuávamos a gozar as doçuras de uma boa legislatura municipal. Se não prestavam para nada, não seriam reeleitos; mas supondo que o fossem, quem pode impedir que o povo queira ser mal governado? É um direito anterior e superior a todas as leis. Assim se perde a liberdade. Hoje impedem-me de meter um pulha na intendência, amanhã proíbem-me andar com o meu colete de ramagens, depois de amanhã decreta-se o figurino municipal.

Entretanto (vede as inconseqüências de um espírito reto!);⁷ entretanto, foi bom que se incompatibilizassem os intendentes; não incompatibilizados, era quase certo que seriam eleitos, um por um, ou todos ao mesmo tempo, e eu não teria o gosto de ver na intendência dois amigos particulares, um amigo velho, e um amigo moço, um pelo 2º distrito, outro pelo 3º, e não digo mais para não parecer que os recomendo. São do primeiro turno.⁸

Mas deixemos a política e voltemo-nos para o acontecimento literário da semana, que foi a *Revista Brasileira*. É a terceira que com este título se inicia. O primeiro número agradou a toda gente que ama este gênero de publicações, e a aptidão especial do Sr. J. Veríssimo, diretor da *Revista*, é boa garantia dos que se lhe seguirem. Citando os nomes de Araripe Júnior, Afonso Arinos, Sílvio Romero, Medeiros e Albuquerque, Said Ali e Parlagreco,⁹ que assinam os trabalhos deste número, terei dito quanto baste para avaliá-lo. Oxalá que o meio corresponda à obra. Franceses, ingleses e alemães apoiam as suas publicações desta ordem, e, se quisermos ficar na América, é suficiente saber que, não hoje, mas há meio século, em 1840, uma revista para a qual entrou Poe,¹⁰ tinha apenas cinco mil assinantes, os quais subiram a cinquenta e cinco mil, ao fim de

⁷ Assim (ponto e vírgula) na *Gazeta*. Aurélio corrige com uma vírgula.

⁸ Há um enxame de pequenos anúncios nos apedidos para estas eleições, e identificar estes dois amigos, que bem possivelmente serão invenções, é impossível.

⁹ José Veríssimo (1857-1916), grande amigo de Machado – ver nota 3 da crônica de 2 de dezembro de 1894. Araripe Júnior (1848-1911) – ver nota 2 da mesma crônica, colaborou com um ensaio sobre Machado, “Machado de Assis”, e outro sobre Poe. Afonso Arinos (1868-1916), autor de *Pelo sertão* (1898), amigo, sem ser íntimo, de Machado, colaborou com um conto, “Pedro Barqueiro (tipo do sertão)”. Sílvio Romero (1851-1914), crítico e historiador literário, inimigo de Machado, colaborou com parte de uma “História do Direito Nacional”; Medeiros e Albuquerque (1867-1934), poeta, romancista, político etc., com um ensaio “Federação e República”. Manuel Said Ali (1861-1953), filólogo, com “Estudos de linguística”; Carlos Parlagreco (?-?), imigrante italiano, pintor e jornalista (redator-chefe da *Gazeta de Notícias*), colaborou com “A exposição das Belas-Artes”. Outros nomes conhecidos que também colaboraram, entre outros, mas que Machado não menciona: Coelho Neto, Artur Azevedo, Visconde de Taunay, Carlos Magalhães de Azeredo.

¹⁰ É provável que Machado se refira à *Graham's Magazine*, publicada em Filadélfia, uma das revistas literárias mais vendidas do período, e que cresceu muito no começo da década de 1840. Poe entrou a colaborar nela em 1841, e publicou lá algumas obras famosas, como “The Murders in the Rue Morgue” e “The Mask of the Red Death”.

dois anos. Não paguem o talento, se querem; mas deem os cinco mil assinantes à *Revista Brasileira*. É ainda um dos melhores modos de imitar New York.

